

---

# A correção de erros no processo de escrita em Língua Inglesa e suas teorias

*Error correction in the writing process in English and its theories*

Rosângela Basso<sup>1</sup>  
Thomas Bonnici<sup>2</sup>

1 Mestre em Ensino e Aprendizagem de Línguas pela University of Liverpool, Inglaterra. Professora de língua inglesa em nível graduação no Centro Universitário de Maringá (CESUMAR).

2 Doutor em Letras pela Unesp. Professor das aulas de literaturas de língua inglesa em nível graduação e pós-graduação na Universidade Estadual de Maringá.

## Resumo

O presente trabalho analisa textos escritos em Inglês produzidos pelos alunos do 4º e 5º anos do curso de Letras Português/Inglês da Universidade Estadual de Maringá. Os erros gramaticais na escrita de uma segunda língua têm sido muito estudados por pesquisadores da área. Alguns fatores podem contribuir para que a ocorrência desses erros seja constante, como a limitação do tempo e a dificuldade que os alunos encontram na elaboração dos textos na Língua Materna (L1) transferida para a Segunda língua (L2). Os erros encontrados nos textos produzidos pelos acadêmicos são consideravelmente elevados e foram analisados tanto no aspecto gramatical quanto no aspecto retórico. Foi feito um estudo dos aspectos lingüísticos da L1 e da L2 para detectar as causas e melhor entender a ocorrência dos erros. A relação professor/aluno dentro da sala de aula e a controvérsia entre corrigir ou não os erros na escrita foram também analisados. A partir do estudo comparativo das duas séries, concluiu-se que os erros persistem de um ano para o outro, e em alguns casos, houve um acréscimo na incidência desses erros gramaticais. Uma das causas desses erros pode ser o “vício da tradução”, obtido pelos alunos de escolas que incentivam esta prática ou simplesmente ignoram a necessidade da compreensão da língua inglesa como língua estrangeira.

**Palavras-chave:** erros; aquisição de língua estrangeira; processo de ensino/aprendizagem; correção de erro

## Abstract

*This research analysed written essays in English and the informants were university students Curso de Letras, Portuguese/English Languages at Universidade Estadual de Maringá (public university), in their fourth and fifth years, classes of English language. Researchers in this field have studied grammar errors made by second language learners. Some factors contribute to keep their occurrence, such as time limit and the difficulty learners have to write essays in second language, transferring their difficulties from the first language to the second one. The number of errors made by the learners is considerable high. The essays were analyzed under two aspects: grammar and structure. Linguistic aspects from L1 and L2 were studied to detect the cause and understand error occurrence. Both the relationship between teacher/students in class and the error correction controversy were also analyzed. Through a comparative study between the two classes, it may be concluded that learners keep making errors through out the years. Sometimes some grammar errors increase from one year to another. The translation habit can be one of the factors that influences the learners to commit errors. Language schools and the school system in Brazil encourage learners to translate English into Portuguese ignoring the need of studying a second language in an appropriate way.*

**Key words:** errors; foreign language acquisition; teaching and learning process; error correction

## Introdução

### Problematização

Escrever tem sido uma tarefa difícil tanto na língua materna como em uma segunda língua (L2). Os alunos de uma forma geral não se sentem seguros quanto à escrita, principalmente em se tratando de uma segunda língua, provavelmente por estarem mais preocupados em aprender a L2 apenas com o objetivo de se comunicar oralmente.

Esse trabalho de pesquisa teve início a partir dos erros cometidos por quarenta (40) alunos das 4ª e 5ª séries do curso de graduação, habilitação português-ínglês, da Universidade Estadual de Maringá (UEM) e na dificuldade desses alunos de escrever textos em

BASSO,  
Rosângela;  
BONNICI,  
Thomas.  
A correção de erros  
no processo de  
escrita em Língua  
Inglesa e suas  
teorias.  
*Mimesis*,  
Bauru,  
v. 23, n. 1,  
p. 85-101, 2004.

BASSO,  
Rosângela;  
BONNICI,  
Thomas.  
A correção de erros  
no processo de  
escrita em Língua  
Inglês e suas  
teorias.  
*Mimesis*,  
Bauru,  
v. 23, n. 1,  
p. 85-101, 2004.

língua estrangeira (LE). Esses erros envolvem a gramática e a estrutura dos textos.

Por que a aversão dos alunos em escrever em LE? Pode o problema estar relacionado à dificuldade de assimilação das regras linguísticas da LE, já que tais regras são sempre associadas ao discurso oral? Estudos têm relacionado alguns fatores que influenciam a escrita dos alunos na LE. Pesquisadores sugerem que os problemas relacionados com a escrita na primeira língua, tais como, estruturação e conhecimentos linguísticos, são transferidos para a LE escrita. Jones and Tretoe (1987) dizem que os alunos de uma língua estrangeira transferem suas habilidades e/ou deficiências da primeira língua para a segunda língua.

Os alunos, ao iniciarem a LE, estão ávidos em aprender o idioma estrangeiro, porém, esse interesse decresce ao longo dos Ensinos Fundamental e Médio. O desinteresse aumenta devido à falta de didática dos professores, que de alguma forma, são levados a seguir um padrão de ensino imposto pelo sistema de ensino. O elevado número de alunos nas salas e a falta de incentivo dos professores em renovar suas práticas de ensino podem ser as causas do fracasso das aulas de língua estrangeira nos ensinos Fundamental e Médio, o que resulta, conseqüentemente, em alunos despreparados para iniciar um curso de Letras-Inglês, que exige um conhecimento básico do idioma. Este desnível entre os alunos ingressantes em cursos de Letras e a proposta do curso é a problemática em questão.

## Revisão da Literatura

O presente trabalho analisou textos escritos em inglês produzidos pelos alunos dos 4º e 5º anos do curso de Letras Português /Inglês da UEM. Os erros gramaticais na escrita de uma segunda língua têm sido muito estudados por pesquisadores. Alguns fatores podem contribuir para que a ocorrência desses erros seja constante. Kroll (1997) estudou como a limitação do tempo afeta a atividade escrita na sala de aula e em casa. Krashen (1982) sugeriu a relação existente entre o tempo e a coerência gramatical. Além dos erros gramaticais verificou-se também a ocorrência da dificuldade da escrita propriamente dita, ou seja, a dificuldade que os alunos encontram na elaboração dos textos. Mohan & Lo (1985) dizem que os alunos têm as mesmas dificuldades retóricas tanto na L1 quanto na LE. Edelsky (1982) afirma que a habilidade da escrita é transferida nas diferentes línguas. Jones & Tretoe (1987) admitem que os estu-

dantes de “English as a Second Language” (ESL) transferem seus conhecimentos e habilidades na escrita da primeira língua para a L2. Um dos fatores dessa dificuldade pode ser encontrado na influência que a L1 tem na L2. Os erros encontrados nos textos produzidos pelos acadêmicos são consideravelmente elevados tanto no aspecto gramatical quanto no estrutural. Foi feito um estudo dos aspectos lingüísticos da L1 e da L2 para se detectar as causas e melhor entender a ocorrência dos erros. Segundo Porto (1999, p. 250-261) “Linguistic knowledge is, after all, a condition of writing”.

A relação professor/aluno dentro da sala de aula, no contexto da questão, e a controvérsia entre corrigir ou não os erros e seus efeitos na escrita foram também analisados neste trabalho.

BASSO,  
Rosângela;  
BONNICI,  
Thomas.  
A correção de erros  
no processo de  
escrita em Língua  
Inglesa e suas  
teorias.  
*Mimesis*,  
Bauru,  
v. 23, n. 1,  
p. 85-101, 2004.

## Aquisição da língua Estrangeira (LE)

Para falarmos em aquisição de uma determinada língua, temos que levar em conta alguns aspectos da mesma. Segundo Britto (1991), “apesar de uma língua ser um processo dinâmico e fluído, ela é dependente do uso que dela se faz”. Portanto, o ensino de línguas depende da forma como o professor concebe essa língua, se a considera como uma mera estrutura a ser imposta ou descrita, ou se a vê como meio de interação social.

Nesse sentido definem-se as diferentes concepções de linguagem, ou seja, as correntes pelas quais os lingüistas definem o ensino da língua. Os estudiosos do assunto assumem três concepções de linguagem no ensino de línguas. Koch (1997) e Britto (1991) afirmam que a linguagem é dividida em três segmentos: a) linguagem como expressão do pensamento; b) linguagem como instrumento de comunicação; c) linguagem como forma de interação. Sendo assim, as concepções diferem no que diz respeito à maneira pela qual a língua é estudada e qual a função básica de uma língua numa sociedade. Segundo Geraldi (1997), os conteúdos ensinados, o enfoque que se dá a eles, as estratégias de trabalho, a bibliografia utilizada, o sistema de avaliação, o relacionamento com os alunos, as atividades concretas em sala de aulas dependem da concepção de linguagem adotada.

Na década de 70, a vertente que entende a linguagem como instrumento de comunicação, ou seja, o gerativismo de Chomsky, trouxe à lingüística aplicada argumentos para questionar os métodos até então usados para o ensino de línguas e entender o processo pelo qual o aprendiz passa. Chomsky (1969) pressupõe que o indivíduo possui uma *capacidade inata* LAD (dispositivo para aquisição de línguas), uma espécie de órgão mental que interage com outros ór-

BASSO,  
Rosângela;  
BONNICI,  
Thomas.  
A correção de erros  
no processo de  
escrita em Língua  
Inglesa e suas  
teorias.  
*Mimesis*,  
Bauru,  
v. 23, n. 1,  
p. 85-101, 2004.

gãos e propicia a aquisição da língua materna, e uma *competência lingüística*, que é a capacidade do falante nativo de adquirir a gramática implícita em sua língua materna pela exposição natural. Chomsky (op. cit.) questiona as teorias behavioristas de que uma língua é aprendida pela imitação, memorização e repetição mecânica de frases corretas, como também pressupunha a Gramática Tradicional, à qual subjaz a primeira concepção de linguagem como expressão do pensamento.

Krashen (1982) reforça os pressupostos chomskianos da teoria da aquisição, de que o aprendiz desenvolve seu sistema lingüístico à medida que é exposto à língua, isto é, as regras gramaticais são refinadas gradualmente incorporando-se a um sistema lingüístico maduro. Krashen (op. cit.) diferencia *aquisição* de *aprendizagem*. Segundo ele, é preciso saber diferenciar esses dois fenômenos, pois os mesmos têm origens diferentes. *Aquisição* significa saber usar a língua de uma forma inconsciente, ou seja, ela está no subconsciente do indivíduo e, quando solicitada, o usuário saberá usá-la de forma comunicativa. Já *aprendizagem* é o processo de compreensão das regras da língua e de consciência de seus usos, isto é, um processo metalingüístico. Krashen (1982) afirma que a aquisição e a aprendizagem se processam de forma distinta e com função específica. Saber falar sobre a língua não garante saber usá-la. Krashen diz que a diferença entre *aquisição* e *aprendizagem* é a primeira das cinco hipóteses que ele propõe na sua teoria de aquisição de uma segunda língua. As outras são: *a ordem natural*, *o input*, *o monitor* e *o filtro afetivo*.

O processo da *ordem natural* baseia-se na morfologia, pois é o que explica o fato de algumas palavras ou regras serem assimiladas primeiro do que outras. Um exemplo bem clássico no ensino da LE é o acréscimo de *-s* na terceira pessoa do singular nos verbos ingleses, do tempo presente. Esta é uma regra que os alunos têm dificuldade em assimilar. Por outro lado, o emprego do *-ing nas* formas progressivas é adquirido mais cedo. Para Krashen, a ordem natural na aquisição da L2 é diferente da aquisição da mesma língua por falantes nativos, por esse motivo, ele não defende a ordem natural para os dois tipos de aquisição.

A hipótese do *input* baseia-se na aquisição e não na aprendizagem. O *input* está mais atento à mensagem na comunicação. Um indivíduo que está adquirindo uma língua não se preocupa com a forma, a estrutura, mas sim com o uso. O *input* é tudo aquilo que o aprendiz consegue compreender: quanto maior o seu *input*, maior será o *output*. A hipótese do *input* assegura que a produção oral, a fluência na fala não se ensina, ou seja, o indivíduo se sente ou não

apto a falar. Ou ele se comunica ou ele simplesmente repete mecanicamente frases e expressões sem se comunicar. A melhor maneira de se ensinar, portanto, está em oferecer um *input* suficiente para que o aprendiz o faça de forma comunicativa.

Ao contrário do *input*, o *monitor* está relacionado com a aprendizagem, pois o conhecimento das regras gramaticais será como um fiscal, que monitora o uso correto da língua, leva o aprendiz a se corrigir sempre que cometer um erro. O *monitor* só se manifesta se o aprendiz tiver consciência do seu erro sob duas condições: a preocupação com a forma e o conhecimento das regras.

O *filtro afetivo* está diretamente relacionado com a importância de alguns fatores (a motivação intrínseca, a ansiedade, a autoconfiança) que influenciam no processo de aquisição. O filtro está mais relacionado com a aquisição do que com o aprendizado. Por isso, podemos explicar o fato de certas pessoas, apesar de serem expostas à L2, não conseguirem adquiri-la. Quanto menor for a influência desses fatores no aprendiz, melhor será a sua aquisição. Isso explica porque o professor expõe um grande *input* e nem sempre o *output* do aluno corresponde ao *input* recebido. A grande questão é como apresentar um *input* mais compreensivo, em condições de menos ansiedade. Portanto, um bom professor de línguas é aquele que pode passar aos seus alunos um *input* que seja o mais compreensível possível com um baixo filtro afetivo. Aquele capaz de proporcionar, em salas de aula, condições para que o aluno sintase confortável com a língua e desta forma possa produzir a partir de informações recebidas e não somente repetir frases.

As hipóteses de Krashen desmistificam alguns “tabus” existentes sobre o ensino da L2, como a idade, o tempo de exposição, a aculturação. Quem não ouviu alguém dizer que “uma criança aprende mais fácil que um adulto”, ou “para aprender mesmo, é preciso viver algum tempo no país”, ou ainda que, “para aprender, é preciso adotar os costumes do país da língua estudada”. Esses aspectos passam a ser considerados secundários na aquisição, enquanto os principais são os cinco fatores explicitados anteriormente. Com base nisso, a aquisição da linguagem torna-se um processo contínuo, no qual o conteúdo, a motivação e as condições de ensino são essenciais.

## **Análise dos erros**

Em se tratando de aquisição de línguas, o erro tem sido bastante estudado e avaliado por diversos estudiosos, gerando intensas con-

BASSO,  
Rosângela;  
BONNICI,  
Thomas.  
A correção de erros  
no processo de  
escrita em Língua  
Inglesa e suas  
teorias.  
*Mimesis*,  
Bauru,  
v. 23, n. 1,  
p. 85-101, 2004.

BASSO,  
Rosângela;  
BONNICI,  
Thomas.  
A correção de erros  
no processo de  
escrita em Língua  
Inglesa e suas  
teorias.  
*Mimesis*,  
Bauru,  
v. 23, n. 1,  
p. 85-101, 2004.

trovérias. O que podemos considerar como erros quando se aprende uma segunda língua? Como avaliá-los? Quando corrigi-los?

Muitos pesquisadores têm estudado a questão envolvendo erros ou o que pode ser visto como erro. Este é um assunto muito complexo já que o erro tem sido definido por diferentes pontos de vista. Lima (1999) diz que os erros podem ser vistos como um *output* modificado ou hipóteses que os aprendizes fazem sobre as regras da língua-alvo. Chaudron (1986) define o erro como forma lingüística que difere das normas usadas pelos nativos da língua; outrossim, o erro depende do contexto e da intenção do aprendiz.

O erro faz parte do processo de aprendizagem humana. Quando estamos aprendendo alguma coisa, cometemos um número maior de erros e, gradativamente, corrigimos estes erros para alcançar o que consideramos “correto”.

É de fundamental importância saber distinguir “mistakes” de “errors”. Em inglês as duas palavras possuem significados diferentes. A palavra “mistake” refere-se a um engano ou como se diz, “um lapso”. Ele não é o resultado de uma deficiência na competência lingüística, mas sim uma imperfeição da língua falada. Todas as pessoas, nativas ou aprendizes da L2, cometem enganos quer na fala quer na escrita. A diferença é que o falante nato tem mais facilidade de reconhecer um engano do que o aprendiz da L2. Já a palavra “error” é uma deficiência no processo de aprendizado ou de aquisição. Geralmente, quando se comete um erro, o aprendiz o faz de forma inconsciente. Portanto, ele não percebe que cometeu um erro.

Alguns fatores podem ser as causas da ocorrência dos erros de alunos de inglês como L2 (ESL). Quando falamos em uma determinada língua, falamos em um sistema lingüístico, visto que cada língua possui seu próprio sistema. Ao aprender uma segunda língua, o indivíduo faz uma superposição de dois sistemas diferentes para atingir a “língua alvo”. São sete os fatores que podem influenciar e caracterizar o sistema de uma segunda língua.

*Interlanguage.* Essa situação produz no aprendiz a necessidade de criar um novo sistema. Ele “constrói” novas regras gramaticais e fonológicas para atingir a “língua-alvo”.

*Transferência das regras usadas na L1 para a L2.* Como exemplo, podemos citar o uso das preposições. Em português, as preposições possuem um único sentido, já em inglês, a mesma preposição possui várias terminologias e usos diferentes. O aprendiz da língua inglesa encontra muita dificuldade em assimilar o uso correto das preposições. Em português falamos: *João casou-se com Maria*. Se ao passar esta frase para o inglês, o aprendiz falar *John married*

“with” *Mary*, ele não fez bom uso da preposição *with*. O correto é dizer: *John married Mary*. A razão para isto é que o verbo *marry* é um verbo não preposicionado e exige apenas um objeto direto.

*Intralingual interference*. É a hipótese que o aprendiz faz das regras da L2. Estas hipóteses são elaboradas a partir da exposição parcial à LE. Em um dos seus estudos, Richards (1994) percebeu a ocorrência de alguns tipos de erros comuns em alunos de diversas línguas, os quais são consequência de hipóteses realizadas pelos alunos acerca das regras da “língua-alvo”. Brudhiprabha (apud RICHARDS, 1994) sugeriu que muitos dos erros cometidos por causa da intralanguage representam as dificuldades que os aprendizes têm de reconhecer as regras básicas da língua-alvo, como por exemplo as inflexões verbais em inglês, como: *I walk, she walks*.

*Sociolinguistic situation*. Está relacionada ao contexto social pertencente ao aprendiz. O diferente uso da língua resulta em diferentes níveis de aprendizagem. Segundo Richards (1994), isto pode ser distinguido nos efeitos do contexto sócio-cultural na aprendizagem de uma segunda língua, na situação envolvendo o aprendiz e a comunidade na língua-alvo e as respectivas marcas lingüísticas dessas relações e suas identidades. Atrelado a tudo isto está a motivação pessoal de cada aprendiz. Considerando os aspectos sócio-lingüísticos, podemos dizer que a aprendizagem está relacionada à variação da motivação causada pela necessidade e pela percepção de cada indivíduo. Portanto, a motivação depende do propósito que cada aprendiz tem em aprender/adquirir a L2.

Os efeitos de todos esses fatores são percebidos na sala de aula quando o aluno, por não se sentir à vontade ou confortável com a LE, não produz como deveria, assim, a aquisição da língua-alvo se torna mais difícil. Como já vimos anteriormente, para se adquirir uma segunda língua, é necessário que haja uma combinação de fatores que são determinantes nesse processo, os quais muitas vezes não são levados em conta em sala de aula.

## Objetivos

O objetivo deste trabalho é investigar os erros gramaticais cometidos por acadêmicos da 4ª e 5ª séries da habilitação Inglês/Português, já que a incidência dos mesmos é considerável. Quantificar e qualificar os erros auxiliaram o entendimento de alguns aspectos que envolvem o ensino/aprendizado dos alunos dentro da sala de aula, seja ela nos ensinamentos fundamental e médio, seja no universitário. Os objetivos deste trabalho são:

BASSO,  
Rosângela;  
BONNICI,  
Thomas.  
A correção de erros  
no processo de  
escrita em Língua  
Inglês e suas  
teorias.  
*Mimesis*,  
Bauru,  
v. 23, n. 1,  
p. 85-101, 2004.



BASSO,  
Rosângela;  
BONNICI,  
Thomas.  
A correção de erros  
no processo de  
escrita em Língua  
Inglês e suas  
teorias.  
*Mimesis*,  
Bauru,  
v. 23, n. 1,  
p. 85-101, 2004.

- identificar os erros lingüísticos;
- analisar os erros ocorridos;
- discutir a melhor maneira para a correção dos erros;
- analisar a eficiência da correção;
- promover a percepção dos alunos para a autocorreção dos erros.

## Justificativas

Mais importante do que detectar os erros gramaticais que ocorrem em textos dos acadêmicos do curso de Letras é enfatizar a origem desses problemas. Isto pode ser uma contribuição para buscar uma metodologia adequada a ser aplicada, que interrompa este ciclo que se mantém persistente. Sabe-se que o problema com o ensino/aprendizado com L2 existe e aprender uma segunda língua é essencial nos dias de hoje para a formação dos futuros profissionais, seja em áreas diversas, seja na área de Letras.

Contudo, esse trabalho buscou não apenas apontar os erros dos alunos, mas sim, discutir a melhor maneira para a correção do problema. Sabendo-se que há uma deficiência no aprendizado de LE, pretende-se estudar também as peculiaridades desses fatos, para que de alguma forma alunos e professores se questionem a respeito de tanta dificuldade para aprender a L2 e através desse questionamento possa-se alcançar um processo de ensino/aprendizagem mais eficaz dentro da disciplina, não só para aqueles que vão lecionar em universidades, mas, também, para aqueles professores que estarão nas escolas de ensino fundamental e médio. Os professores de inglês defrontam-se com um fator bastante relevante, ou seja, o sistema de ensino que não valoriza o estudo da segunda língua. A competência e a qualificação dos nossos professores são necessárias para inverter tal situação.

## Metodologia

Foram coletados 40 textos produzidos pelos acadêmicos das 4ª e 5ª séries do curso de Letras. Os textos são redações de crítica literária a partir da leitura de livros de literatura americana. Partiu-se da premissa de que os alunos lêem livros de literatura em língua inglesa, no decorrer do Curso de Letras e, a partir desta leitura, produzem composições feitas em classe ou em casa. A primeira análise foi

feita sob o aspecto retórico da composição, os aspectos que envolvem a organização das idéias e a coerência textual. Posteriormente, os erros foram qualificados quanto ao aspecto gramatical. Qualificados os erros, passamos a quantificar a ocorrência de cada erro encontrado nas 40 composições, sendo 20 dos alunos do 4º ano e 20 dos alunos do 5º ano. Para maior visualização, os erros foram colocados numa tabela contendo a ocorrência dos erros em cada uma das composições e, com isso, determinou-se o nível de cada aluno.

Depois da coleta e da classificação dos dados, foi feita uma análise comparativa das duas séries em questão. O estudo comparativo através do gráfico facilitou a visualização de como os erros persistem de uma série para a outra; através da teoria de aquisição de L2 e do estudo sobre erros, analisamos as possíveis causas dos mesmos.

BASSO,  
Rosângela;  
BONNICI,  
Thomas.  
A correção de erros  
no processo de  
escrita em Língua  
Inglesa e suas  
teorias.  
*Mimesis*,  
Bauru,  
v. 23, n. 1,  
p. 85-101, 2004.

TABELA 1 – Erros cometidos pelos alunos de ESL do 4º ano – Universidade Estadual de Maringá.

	Tempo	Prep.	Grafia	Uso incorreto	Pronomes e artigos	Nome e Adj. nominal	Estrutura textual
<b>A1</b>	3	2	3	4	2	0	1
<b>A2</b>	0	2	1	1	2	0	1
<b>A3</b>	2	0	5	2	0	0	1
<b>A4</b>	3	1	2	2	0	0	1
<b>A5</b>	1	1	1	0	2	2	2
<b>A6</b>	1	4	2	0	1	1	1
<b>A7</b>	1	4	2	1	1	2	2
<b>A8</b>	6	1	0	2	0	1	1
<b>A9</b>	4	0	5	4	0	1	4
<b>A10</b>	2	1	3	2	0	0	2
<b>A11</b>	10	4	4	4	0	0	3
<b>A12</b>	9	6	5	2	3	1	4
<b>A13</b>	0	1	0	2	0	0	4
<b>A14</b>	4	4	1	0	1	0	3
<b>A15</b>	6	1	2	3	1	1	1
<b>A16</b>	1	3	4	4	0	0	4
<b>A17</b>	2	1	0	3	0	0	0
<b>A18</b>	3	0	7	4	0	1	4
<b>A19</b>	1	3	0	4	1	0	1
<b>A20</b>	4	2	0	2	0	0	1
<b>Total</b>	63	35	47	43	14	10	41

BASSO,  
Rosângela;  
BONNICI,  
Thomas.  
A correção de erros  
no processo de  
escrita em Língua  
Inglesa e suas  
teorias.  
*Mimesis*,  
Bauru,  
v. 23, n. 1,  
p. 85-101, 2004.

TABELA 2 – Erros cometidos pelos alunos de ESL do 5º ano – Universidade Estadual de Maringá.

	Tempo Verbal	Prep.	Grafia	Uso incorreto da palavra	Pronomes e artigos	Nome e Adj. nominal	Estrutura textual
<b>B1</b>	1	0	0	4	0	0	2
<b>B2</b>	2	0	1	2	0	0	1
<b>B3</b>	2	1	3	1	4	0	0
<b>B4</b>	0	0	1	0	1	0	2
<b>B5</b>	1	2	6	0	0	0	1
<b>B6</b>	1	0	1	2	1	1	1
<b>B7</b>	2	1	7	3	0	0	0
<b>B8</b>	2	2	2	2	1	2	1
<b>B9</b>	1	1	0	1	2	0	0
<b>B10</b>	6	2	3	5	2	2	2
<b>B11</b>	0	5	3	2	1	2	1
<b>B12</b>	2	1	4	4	0	0	0
<b>B13</b>	0	0	1	2	1	1	1
<b>B14</b>	2	1	3	0	1	0	0
<b>B15</b>	1	3	0	1	1	0	2
<b>B16</b>	3	1	0	1	0	0	1
<b>B17</b>	2	0	0	1	0	0	0
<b>B18</b>	0	0	0	0	0	0	0
<b>B19</b>	0	1	2	1	1	1	0
<b>B20</b>	0	0	0	0	0	0	0
<b>Total</b>	28	21	35	32	17	9	15

TABELA 3 – Porcentagem dos erros.

	Tempo verbal	Prep.	Grafia	Uso incorreto da palavra	Artigos e pronomes	Adjetivo e sujeito	Estrutura textual
<b>4º ano</b>	25%	16%	18%	16%	5,5%	6,4%	14%
<b>5º ano</b>	18%	13.3%	23%	20,3%	10,8%	5,7%	9%

## Resultados

As composições, escritas pelos alunos das duas turmas, foram analisadas levando-se em consideração apenas os erros gramaticais mais relevantes e as falhas de estruturação dos textos. Os aspectos gramaticais analisados foram: o uso correto do tempo verbal; da preposição; do artigo; do pronome; a ortografia e a relação sujeito e objeto, além disso, observou-se os erros relativos à estrutura textual.

As tabelas mostram que o aspecto gramatical é a maior dificuldade que os alunos de L2 encontram. Quando comparadas as turmas de 4º e 5º anos (ver TABELA I), observa-se que os erros continuam ocorrendo. O total de erros cometido pelos alunos da 4ª série foi de 253 e de 157 erros cometidos pelos alunos da 5ª série (A proporção dos erros foi calculado pelo número de vezes que cada erro ocorreu, dividido pelo número total de erros, multiplicado por 100). Os erros referentes ao tempo verbal e à preposição diminuem de um ano para o outro, mas ainda persistem. Quanto à análise gramatical, podemos observar que a ocorrência do erro, quanto ao “tempo verbal”, decresce de um ano para o outro numa percentagem de 25% para 18%, e a porcentagem referente à “preposição” decresce de 16% para 13,3%. Os aspectos estruturais observados nos textos, ou seja aspectos relacionados a coesão e coerência são muito sérios. Em todos os casos observados, a estrutura da língua portuguesa é transferida para a escrita da L2. Este erro também apresenta um decréscimo é quanto à “estrutura” do texto, de 14% para 9%, o qual pode ser explicado pela hipótese da *interlanguage*.

Outro fato observado é o uso inadequado de palavras e até mesmo a criação de novos vocábulos, muitas vezes, relacionados de alguma forma, com palavras em português. Isto se observa no acréscimo da porcentagem do erro “grafia e uso incorreto da palavra” de 18% para 23% e de 16% para 20,3%, respectivamente. A interferência entre as línguas ocorre de maneira marcante. O uso incorreto da palavra aparece pela associação da tradução que o aluno faz da L1 para a L2. Sabe-se que em inglês, certos vocábulos apresentam diversos significados e isso dificulta a assimilação do aluno no processo da aprendizagem. Todavia, quando a aprendizagem da língua se faz com a preocupação do que se fala, a percepção do uso correto da palavra é maior, pois o aluno conecta o significado da palavra com o seu uso. Já a aquisição é realizada de forma inconsciente.

BASSO,  
Rosângela;  
BONNICI,  
Thomas.  
A correção de erros  
no processo de  
escrita em Língua  
Inglesa e suas  
teorias.  
*Mimesis*,  
Bauru,  
v. 23, n. 1,  
p. 85-101, 2004.

BASSO,  
Rosângela;  
BONNICI,  
Thomas.  
A correção de erros  
no processo de  
escrita em Língua  
Inglês e suas  
teorias.  
*Mimesis*,  
Bauru,  
v. 23, n. 1,  
p. 85-101, 2004.

## Discussão sobre a correção dos erros

Esse assunto envolve a eficácia da correção no processo da aquisição e ou da aprendizagem. Segundo Krashen (1982), precisamos discutir quatro questões sobre a correção de erros e estabelecer alguns princípios: a correção é uma forma de ajudar o aluno a reformular uma regra que ainda não foi assimilada. O foco, neste caso, está na aprendizagem. Para o autor, a correção deve ser feita quando o foco for na forma e não na mensagem, já que a correção não deve interferir na comunicação. Os erros que interferem na comunicação devem ser sempre corrigidos, mas sem cortar a comunicação. Carioni (apud BOHN; VANDERSON, 1988) dá um exemplo. Se um aprendiz diz: *You come late today?* Esse tipo de erro não precisa ser corrigido, pois focaliza a comunicação. Neste caso, a comunicação foi feita facilmente. Por outro lado, se o foco for a estrutura, a forma, o erro deve ser corrigido para que o monitor, já citado anteriormente, consiga desempenhar o seu papel de fiscal, e desta forma auxiliar o aprendiz a assimilar uma regra não aprendida. O aprendiz pode falar: *There are more students in the culinária course than in computer one.* Esse tipo de erro deverá ser corrigido quanto à informação, que está errada, o uso da palavra culinária em português demonstra um erro do uso, embora a sentença esteja gramaticalmente correta.

Existem dois métodos que envolvem a correção: a) dar a forma correta e b) empregar o método indutivo da descoberta.

Para Krashen (1982) a correção dos erros só será efetiva sob quatro condições:

- Os erros corrigidos devem se limitar às regras portáteis e possíveis de serem aprendidas;
- Os erros devem ser corrigidos sob condições que permitam o uso do monitor;
- As medidas para avaliação da eficácia da correção devem ser administradas sob condições que permitam o uso do monitor, para que o aluno tenha tempo para recorrer ao seu conhecimento consciente;
- Os alunos corrigidos sejam ótimos usuários do monitor.

Hendrickson (1978) afirma que os erros devem ser corrigidos. Justifica-se esta afirmação em estudos feitos com alunos de L2, os quais se sentem bem quando os professores os corrigem. Cathcart e Olsen (apud CHAUDRON, 1995) submeteram 149 alunos de ESL a um questionário que demonstrou a preferência dos

alunos pela correção de todos os erros. Não que a correção deva ser feita pura e simplesmente, mas pelo fato de satisfazer os anseios dos alunos que querem produzir o idioma de forma correta. Nesse caso, a correção se torna eficiente. “Correcting three types of errors can be quite useful to second language learners: errors that impair communication significantly; errors that have highly stigmatizing effects on the listener or reader; and errors that occur frequently in students’ speech and writing” (HENDRICKSON, 1978, p. 392).

Baseado nessas informações, Hendrickson (op. cit.) também conclui que a correção dos erros é efetiva quando envolve exercícios gramaticais e não é tão efetiva quando se trata de práticas de comunicação. Ele assume a eficácia da correção em momentos distintos. Alguns estudos demonstram que a maioria dos professores de L2 assume esta prática de correção. Courchêne, Nystrom, e Chaudron (apud CHAUDRON, 1995) demonstram que, em estudo feito entre professores de um curso de imersão no Canadá, alguns professores corrigiam o francês quanto ao conteúdo da matéria, e apenas o professor de francês corrigia o idioma quanto à forma (77%), juntamente com o conteúdo (23%). No final de um período de seis meses, observou-se que a correção dos erros havia diminuído de 95% para 66%, indicando que a correção trouxe uma melhora na produção dos alunos.

## Conclusão

Do estudo comparativo das duas séries, percebe-se que os erros cometidos no 4º ano também aparecem no 5º ano. Portanto, os erros persistem de um ano para o outro, ocorrendo, às vezes, um acréscimo na ocorrência de alguns tipos de erros gramaticais. Uma das causas desses erros pode ser o vício da tradução, obtido pelos alunos nas escolas que incentivam esta prática ou simplesmente ignoram a necessidade da compreensão da língua inglesa como uma língua estrangeira.

Baseando-se nas teorias apresentadas podemos deduzir que os erros fazem parte do processo de aprendizagem e de aquisição. Na aprendizagem da forma, o erro gramatical é mais observado já que na escrita o foco principal é a coerência e o uso correto da Língua Estrangeira. Nos textos analisados, a correção é feita para melhorar a escrita e para os alunos superarem suas deficiências. Um fato de grande importância é que os textos foram produzidos em sala. Eventualmente, o fator *tempo* é considerado por alguns pesquisadores como Kroll (1997) e Widdowson (1990), uma das cau-

BASSO,  
Rosângela;  
BONNICI,  
Thomas.  
A correção de erros  
no processo de  
escrita em Língua  
Inglesa e suas  
teorias.  
*Mimesis*,  
Bauru,  
v. 23, n. 1,  
p. 85-101, 2004.

BASSO,  
Rosângela;  
BONNICI,  
Thomas.  
A correção de erros  
no processo de  
escrita em Língua  
Inglesa e suas  
teorias.  
*Mimesis*,  
Bauru,  
v. 23, n. 1,  
p. 85-101, 2004.

sas da ocorrência dos erros, muitas vezes erros simples que normalmente os alunos não cometeriam, são cometidos em “task” feitos em sala de aula. Porte (apud PORTO, 1999) também demonstrou em um dos seus estudos que a presença do tempo interfere na escrita. O mesmo autor garante que quando reescreve o texto, o aluno tem mais tempo para pensar e rever o que escreveu, o que não ocorre quando se escreve com tempo marcado. Outra causa dos erros se dá pelo fato de que os alunos transferem suas deficiências da escrita da primeira língua para a segunda juntamente com a oralidade, ou seja, o aluno não percebe a diferença entre o discurso oral e o escrito. Segundo afirma Schleppegrell (apud PORTO, 1999), os alunos precisam saber a diferença entre os estilos lingüísticos da escrita e da fala.

Na prática, o que ocorre em sala de aula, onde estes textos foram coletados, é que os alunos, após a leitura de um conto literário, discutem o assunto poético. A postura do professor em relação à correção está mais relacionada à produção textual. Em sala, o professor apenas corrige alguns erros da fala em língua inglesa, quando os mesmos causam o desentendimento da questão. Essa prática reflete a teoria apresentada por Hendrickson (1978) que classifica a correção em apenas três tipos de erros: (a) erros que impedem a comunicação efetiva, (b) erros que causam alto efeito estigmático no ouvinte ou no leitor e (c) erros que ocorrem com muita frequência na fala e na escrita do aluno.

Apesar de muito estudado, o assunto “erro” em segunda língua continua causando polêmica. Para alcançarmos uma eficácia no processo da correção temos que levar em conta alguns aspectos da teoria da aquisição. Cabe a cada professor o papel de oferecer um insumo ou *input* adequado, suficiente e compreensível, proporcionando ao aluno um filtro afetivo baixo, ou seja, condições de baixo stress e ansiedade. Porém, o que ocorre nas salas de aula nas escolas de ensino fundamental, médio e nas universidades envolve apenas as práticas da escrita e os aspectos gramaticais, sem se importar com os fatores externos que afetam o processo. Como pode um professor prover insumo adequado numa sala com 40 alunos com níveis de conhecimento diversificados? Como sustentar um nível baixo de stress e de ansiedade entre os alunos? Não é por acaso que quando se estuda uma segunda língua em condições adequadas, acima citadas, o objetivo é alcançado.

Na prática da correção dos erros em aulas de gramática, é comum o professor se preocupar com a estruturação da língua, e a correção dos erros ser feita com mais rigor. Já nas aulas de literatura, onde a oralidade é um ponto forte e o aluno tem que relatar o que

entendeu sobre determinado livro, o professor tem como prática apenas a correção dos erros que causam ou dificultam a compreensão. Devemos admitir então que há três tipos distintos de correção, como afirma Hendrickson (1978).

Admitindo que a língua não é estática, pelo contrário, é um processo dinâmico e fluído, que se modifica com o tempo, a correção dos erros também faz parte desse processo. Portanto, quando falamos em erro e correção, estamos falando também de língua padrão sem considerar as variações lingüísticas (variações sociais, geográficas, históricas) que uma língua sofre no decorrer de seu uso. Desta forma, podemos dizer que a análise de erro é feita baseada na língua padrão e não no uso que dela se faz.

BASSO,  
Rosângela;  
BONNICI,  
Thomas.  
A correção de erros  
no processo de  
escrita em Língua  
Inglesa e suas  
teorias.  
*Mimesis*,  
Bauru,  
v. 23, n. 1,  
p. 85-101, 2004.

## Referências Bibliográficas

- BOHN, H.; VANDERSEN, P. *Tópicos em Lingüística Aplicada ao ensino de língua estrangeira*. Florianópolis: UFSC, 1988.
- BRITTO, L. P. L. *Fugindo da norma*. Campinas: Atomo, 1991.
- CHAUDRON, C. *Second Language Classrooms: research on teaching and learning*. Cambridge: CUP, 1995.
- EDELISKY, C. Writing in a Bilingual Program: the relation of L1 and L2 texts. *TESOL Quarterly*, v. 16, n. 1, p. 211-228, 1982.
- HENDRICKSON, J. M. Error correction in foreign language teaching: recent theory, research, and practice. *Modern Language Journal*, v. 62, n. 1, p. 387, 1978.
- JONES, C. S.; TRETOE, J. Composition in a second language. In: A. MATSUHASHI (Ed). *Writing in a real time*. New York: Addison-Wesley, 1987. p. 34-57.
- KRASHEN, S. *Principles and practices of second language acquisition*. Oxford: Pergamon, 1982.
- KROLL, B. *Second Language Writing: research insights for the classroom*. Cambridge: CUP, 1997.
- LIMA, M. S. Error treatment: how learners see it. In: *Anais do XIV Enpuli*. Belo Horizonte: UFMG, 1999. p. 250-261.
- MOHAN, B.; LO, W. Academy Writing and Chinese Students: Transfer and developed factors. *TESOL Quarterly*, v. 19, n. 1, p. 515-534, 1985.
- PORTO, M. Writing Pedagogy: New Perspectives. In: ANAIS DO XIV ENPULI. Belo Horizonte: UFMG, 1999. p. 250-261.



BASSO,  
Rosângela;  
BONNICI,  
Thomas.  
A correção de erros  
no processo de  
escrita em Língua  
Inglesa e suas  
teorias.  
*Mimesis*,  
Bauru,  
v. 23, n. 1,  
p. 85-101, 2004.

RICHARDS, J. C. *Error Analysis: Perspectives in Second Language Acquisition*. Oxford: Longman, 1994.

WIDDOWSON, H. G. *Aspects in Language Teaching*. Oxford: OUP, 1990.

